

Meus vinte anos universitários em Ribeirão Preto*

Almiro Pinto de Azeredo **

Minha chegada à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto parece-me recente, mas 20 anos se passaram! Quando menino, ouvia os "velhos" dizer que o tempo corre demais, mas não ligava. Então, meus dias eram longos, as coisas em volta pareciam maiores, as distâncias, mais longe! Hoje, entendo-lhes muito bem o que diziam!

Vinte anos é o tempo que se adota para abranger uma geração. Neles vi surgir médicos vitoriosos e professores de brilho. Portanto, não podia desligar-me de minha amada Faculdade sem especial manifestação. Difícil esse desligamento, toca-me as fibras! Afinal, Ribeirão Preto é fase inigualável de minha vida, provavelmente a de maior sentido. Dela me afasto, voluntariamente, por um conjunto de razões familiares e universitárias. Havia a promessa antiga de desligar-me, tão logo julgasse realizado meu papel de compor um núcleo universitário oftalmológico de expressão e isso atingi. E, confesso, voltar ao ninho foi sempre atração incoersível, principalmente agora, cinquentão, quando a velhice me acena. É aquela necessidade surda de voltar aos lugares do passado, quem sabe, ao tempo de menino, quando a vida é só mistério, que continua, apesar de todo o esforço da ciência. A princípio relutei, mas cedi convencido, relatar fatos desses 20 anos universitários talvez beneficiasse os que se interessam pelo ensino, além de servir-me de justificação. Minha mulher e filhos compreenderão melhor o "insucesso econômico" do pai enredado na "dedicação exclusiva ao ensino e à pesquisa", durante 20 anos, num país surrealista como o nosso. Valeu a pena? Acho que sim, há outros valores.

Primeiro, agradeço ao Prof. Zeferino Vaz tão valiosa oportunidade, confiar-me a organização e instalação do Departamento de Oftalmologia da gloriosa Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de S. Paulo.

Tudo começou com minha ida ao Congresso de Ensino Médico, que a Associação Médica Brasileira, então presidida pelo dinâmico Hilton Rocha, organizou naquela cidade, em 1956. A reunião era uma espécie de homenagem àquela Faculdade, um modelo para a renovação da educação médica brasileira. Inegavelmente esse modelo influiria depois, apesar de não propagarmos isso, na intensidade devida.

Ao invés de se valer dos médicos locais para compor o grupo docente, hábito comum entre nós, Zeferino Vaz atraiu gente de longe, do Brasil e do estrangeiro. Nada de paroquialismo, queria, mesmo, garantir padrão elevado ao empreendimento. Foi muito combatido, achavam impossível interiorizar tanto uma faculdade de medicina, cujas características principais seriam o tempo integral para todos os docentes e a intensa dedicação à pesquisa científica. As previsões pessimistas falharam, a obra vingou. O início foi com instalações modestas, logo superadas, graças à compreensão de esclarecidos Governadores estaduais e as duas substanciais doações da Fundação Rockefeller. Em pouco tempo havia recursos materiais indispensáveis para iniciar atividades de pesquisa devidamente aproveitados porque Zeferino Vaz escolhera cuidadosamente seus professores. Dos estrangeiros destaque Pierre Lison, Fritz Koeberle, Miguel Covian, dos nacionais, José Moura Gonçalves, Maurício Rocha e Silva, José de Almeida, Mauro Barreto, Hélio Lourenço de Oliveira, Renato Voiski, José Pedreira de Freitas, Rui Ferreira Santos, Luiz Marino Bechelli, José Marcondes de Souza, Alberto Martinez, Jorge Armbrust de Figueiredo, Estevan Warwick Kerr. Por outro lado, esses homens aglutinaram professores jovens vindos principalmente da Capital do Estado, os quais galgaram a carreira universitária na Faculdade a que deram seu denodado esforço. Hoje constituem a maioria dos professores titulares da Faculdade e começaram a governá-la.

Destacáveis, porque tiveram uma influência enorme nos bons resultados da pesquisa, são as oficinas: "Mecânica de Precisão", dirigida por José Brittes, e a de "Eletrônica", com o engenheiro José Paulin. São outra prova de visão de Zeferino Vaz e começaram com uma ajuda da Fundação Rockefeller. Permitiram aos professores vencer dificuldades, quer adaptando instrumentos ou criando-os, geravam os recursos para a investigação original que sempre caracterizou Ribeirão Preto.

Tal ambiente me cativou. Reresultado, minha ida para aquela Faculdade em 1959! Mas, antes de decidir-me, houve muitas dúvidas, resistências de família e de amigos, julgavam tudo uma loucura. Não nos adaptariamos a uma "vida campestre" para a

* Relatado na Reunião de Congregação realizada em 9-11-79.

** Professor de Oftalmologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP.

qual não estávamos preparados. Meus interesses universitários, diziam, haveriam de se concretizar um dia, era esperar. Contudo nada havia em volta que me esperançasse tal eventualidade, deixei o Rio!

Acostumados a viver perto do mar, vímo-nos, de repente, rodeados de vegetação "estranha", cafezais e canaviais a perder de vista. Isto porque, outra inovação numa escola médica brasileira, os professores habitavam o "campus", outrora a Fazenda Monte Alegre dos Schimidt, um dos reis do café. Há todo um anedotário desse período de adaptação familiar ao campo, quando confundíamos espécies de insetos e vegetais, quando nos aterrorizavam os "barbeiros", reais e imaginários, que o diga o Prof. Carlos Diniz, agora em Belo Horizonte.

Entre nas cogitações da Faculdade porque era Docente-Livre (Faculdade Nacional de Medicina, 1957). Após uma série de formalidades, inclusive a discussão dos planos na Comissão de Tempo Integral da Universidade de S. Paulo, contrataram-me "Professor Catedrático" por 3 anos, no regime de tempo integral ao ensino e à pesquisa, conforme dizia o Diário Oficial do Estado de S. Paulo. Cabia-me organizar e implantar o Departamento de Oftalmologia.

Nessa condição de contratado permaneci até 1963, quando, mediante concurso de provas e títulos atingi o cargo de Professor Catedrático Vitalício de Oftalmologia (1964), no regime de dedicação exclusiva ao ensino e à pesquisa, do qual estou me despedindo. Honraram-me, participando da Banca do Concurso os Professores: José Moura Gonçalves (Bioquímica), Rui Ferreira Santos (Cirurgia), Hilton Rocha, Renato de Toledo e Paulo Braga Magalhães.

INSTALAÇÕES INICIAIS

O primeiro desafio da contratação foi "conquistar" espaço para instalar o Departamento. Fui o último professor a chegar e "tudo" já fora "distribuído". Fixei-me num vão do antigo Hospital das Clínicas onde abrigavam automóveis. Dei "tratos à bola", despertei minhas tendências arquitetônicas da adolescência e planejei paredes, móveis, fichas, etc. Delimitei o ambulatório inicial com divisões móveis que o tornavam multifuncional, obtive a sala do professor e a secretaria, minúsculos. Animado, tive como receber os primeiros doentes e alunos sextanistas em 1960. A enfermaria do começo eram 3 leitos gentilmente cedidos pelo Prof. Alberto Martinez, da Obstetrícia. E comecei as cirurgias de demonstração. Meses depois, mudávamos para o ambulatório "definitivo", no 1.º andar do Hospital, já confortável e equipado com todo o material necessário. Obtivemos, também sala própria no Centro Cirúrgico e 3 enfermarias com 16 leitos. Nis-

so tudo empenhou-se muito o diretor do hospital, Dr. Paulo Gomes Romeo.

Durante três anos, enquanto formava o grupo docente inicial, era o único professor de oftalmologia auxiliado pela secretária Edna Hallak e a atendente Argemira Casiano, ambas ainda no Departamento, a última delas, técnica do laboratório de patologia ocular. Obtidos esses recursos básicos pudemos iniciar o curso dos alunos (1960) e o sistema de Residência (1961).

Não nos restringimos, porém, a isso, instalamos laboratórios para a pesquisa adaptando convenientemente antigos banheiros do hospital. Doação da Fundação Rockefeller possibilitou-nos aparelhá-los. Compusemos os laboratórios: Patologia Ocular, Óptica Fisiológica, Registros Bioelétricos, Uveíteis (hoje extinto). Então, esses recursos experimentais tão amplos eram uma novidade no meio oftalmológico brasileiro. Refletiam, porém, uma das metas de toda a Faculdade. Um acréscimo de 1975 foi o laboratório de lentes de contato denominado "Jonas Arruda". Atualmente, já no hospital novo, organizamos o laboratório de "Bioquímica".

FORMAÇÃO DO GRUPO DOCENTE INICIAL

Desafio maior foi compor o grupo de professores. Atrai-los de centros maiores era difícil, a oftalmologia é compensadora, haveria as mesmas dificuldades que me assustaram. Tentei trazer o Cardoso de Melo que conhecia de um curso da S.B.O. (1954) e terminara com proveito uma residência no Wills Hospital de Filadélfia. Seria o companheiro ideal para aquela fase de instalação. Visitou-nos naquele começo ingrato e, naturalmente, não soube animá-lo. Deu, porém, seu esforço a Campos onde é Professor de contribuição destacada.

O jeito foi enfrentar a situação doutra maneira, que acabou dando certo. Mas, admito, foi ousadia que me preocupou no começo! Formaria meus professores dentre ex-alunos da Faculdade, tão logo findassem a Residência. Mas esta ainda nem havia, seria criada, outra dificuldade! E a Residência somente não bastaria para dar o padrão exigível num professor. Ainda mais que a Faculdade de Ribeirão Preto tinha Departamentos com jovens professores muito diferenciados, vindos de S. Paulo. Mas com tal ambiente estimulante, cheio de recursos metodológicos, um plano cuidadoso seguido com afinco daria para atingir aquele objetivo, convenci-me. Houve um desvelo grande em acompanhá-los e animá-los. Perceberam, logo, as vantagens daquele pioneirismo. Vali-me, muito, da ajuda prestimosa de alguns Departamentos básicos da Faculdade e os resultados somente podiam ser bons.

O grupo inicial de Residentes era composto de 4 ex-alunos da Faculdade (1961) Ge-

raldo Vianna, José Habib, Argemiro Lauretti F.º e Moema R. Augusto. Terminado o período de treinamento, indiquei os 3 primeiros Auxiliares de Ensino, no regime de tempo integral. Da segunda turma de Residentes, escolhi Erasmo Romão, que vinha com a fama de primeiro aluno de sua turma na graduação médica e foi bom Residente. No ano seguinte veio o Harley Bicas, também ex-aluno e ex-Residente da Faculdade completando o núcleo Docente inicial, todo ele no regime de dedicação exclusiva ao ensino e à pesquisa.

Esse grupo matriz correspondeu às minhas expectativas, galgou, regularmente, as posições da carreira universitária, isto é, mediante concursos de provas e títulos (Doutoramento, Docência-Livre e Professor Adjunto). Excetuo Geraldo Vianna o qual, após o Doutorado, optou pela clínica privada. Atualmente, é Professor da Faculdade de Medicina de Catanduva.

Guilherme Ortolan Jr. foi outro ex-aluno e ex-Residente da Faculdade que retornou após estágio de dois anos nos Estados Unidos, com meu aval para um contrato de Auxiliar de Ensino. Cumprido o contrato, preferiu dedicar-se à clínica particular deixando a carreira, após conseguir o Doutorado.

De início, decidi dar a cada um dos Docentes a responsabilidade por setor oftalmológico a fim de desenvolvê-los no ensino e na pesquisa. Tiveram todo apoio e não desmereceram a confiança neles depositada. Inegavelmente enriqueceram o Departamento e o projetaram, no país e no estrangeiro. Para as indicações baseei-me nos interesses individuais e nas características pessoais de cada um. Para criarmos e mantermos um grupo universitário produtivo é indispensável delegar responsabilidades que permitam a autoafirmação dos professores. Esse fator motivante sempre nos preocupou e porque adotado conseguimos bons resultados. Acréscimo mais recentes ao Corpo Docente foram os Doutores Nivaldo Vieira de Souza e Maria de Lourdes Veronese Rodrigues (1975) seguidos de Laudo Silva Costa (1977). Os três, ex-Residentes do Departamento, representam a geração nova, que já completou o Curso de Pós-Graduação "sensu strictu" da legislação atual. Crescem em competência e são o futuro. O aluno de Pós-Graduação Sidney Júlio de Faria e Sousa aguarda nomeação para ingressar na carreira. Alguns ex-Residentes apesar de exercerem a profissão em consultórios de Ribeirão Preto ou cidades vizinhas participam de atividades assistenciais de ensino ou de pesquisa em caráter voluntário. O João Nóbrega é o que mais se destacou nessa condição.

Em 1961 o Departamento de Oftalmologia contratou a ortoptista Gilda de Sordi, formada no conceituado Curso de Ortóptica da Escola Paulista de Medicina. Pude, assim, ini-

ciar aquela atividade no Departamento. Em 1964, Harley Bicas terminava a Residência e, no ano seguinte, era contratado Auxiliar de Ensino (1965). Por temperamento, parecia-me indicado para desenvolver aquela atividade e o fez com brilho invulgar.

Geraldo Vianna, após obter o Doutorado, estagiou no "Moorsfields Hospital" de Londres onde teve contatos valiosos com o setor ortóptico. Assim, com Harley Bicas progredindo muito, o Geraldo Vianna recém-chegado daquele centro e a eficiência de Gilda de Sordi, tínhamos infra-estrutura para realizar um Curso que gerasse ortoptistas para o "interior". Estruturado o Curso com minha participação, realizou-se o primeiro no período 1967-1968, em tempo integral. Coordenou-o Harley Bicas. Foi uma experiência trabalhosa, cheia de problemas, que pessoalmente me atingiram. Um deles foi o inconformismo de algumas alunas eliminadas porque não atingiram a nota mínima exigida. O curso fôra dividido em etapas cada uma delas vencida com cortes das que não alcançassem um nível de aproveitamento pré-determinado. Contudo haveria sempre os benefícios do aprendizado grátis e utilizável noutras atividades. Ciente estava de que a ortoptista precisava de maior amplitude de atuação profissional para subsistir. Assim, introduzimos matérias discutíveis para alguns, tais como a "optometria infantil".

Erasmo Romão, multivalente e generoso, substituiu Harley Bicas na coordenação do Curso quando este estagiou no "Institute of Ophthalmology", de Londres. É bom lembrar, Gilda de Sordi e todos os demais docentes do Departamento ensinaram no curso. Infelizmente não perduraram, foram apenas "três" cursos. Outras atividades foram julgadas mais importantes! Agora, é contar somente com a Escola Paulista, por sinal de atuação exemplar. E as egressas como estão? Todas colocadas, algumas em serviços oftalmológicos importantes.

SISTEMA DA RESIDÊNCIA

Presenciei o início do sistema de Residências no Brasil, quando pertencia ao Hospital dos Servidores do Estado (IPASE-Rio), em 1948. Até aí, a especialização em nosso país dependia de alguns médicos de boa vontade, mas cheios de restrições. Exigia períodos longos para atingir níveis razoáveis de preparação. Quem tinha recursos viajava para o estrangeiro. Hoje são numerosos os programas de Residência entre nós, em qualquer especialização. Verdade, alguns serviços servem-se do sistema para explorar trabalho barato. A luta é regulamentar, credenciando programas com rigor que evite tais abusos. Lamentavelmente, porém, o sistema da Residência está em crise no Brasil! Começam a confundir-la com emprego ao invés de exigi-

rem aperfeiçoamentos e aumento das oportunidades de aprendizado. Contribuem para essa confusão, entre outras coisas, o alongamento exagerado da fase formativa médica, mesmo assim incapaz de profissionalizar na maioria das escolas. A proliferação desmedida de Faculdades sem recursos humanos e físicos agrava ainda mais o problema.

Inauguramos o sistema de Residência Oftalmológica da Faculdade de Ribeirão Preto, em 1961. Até hoje, há o cuidado de aperfeiçoá-la mediante análises periódicas de resultados. O número de admissões anuais de candidatos depende das disponibilidades docentes, das condições de espaço e do instrumental existente. Sempre realizada no regime de tempo integral, beneficia-se ainda mais porque os docentes que a orientam trabalham em igual regime de trabalho.

Para o primeiro grupo de Residentes (1961) organizamos um "Curso de Ciências Básicas Aplicadas à Oftalmologia" precedendo a fase de treinamento. Nos anos seguintes tais cursos foram incorporados ao primeiro semestre do período de Residência e duravam três meses. Deles participavam docentes de disciplinas básicas da Faculdade. Porém, da análise de aproveitamento concluímos bastar 6 semanas de curso intensivo e objetivo, totalmente voltado para as aplicações clínicas. Motivação e aproveitamento aumentaram. O interesse por assuntos básicos do sistema visual cresce quando surgem problemas clínicos que exijam explicações científicas para entendê-los. São situações que levam o Residente ao estudo e até mesmo à pesquisa, desde que haja ambiente apropriado (laboratórios, instrumentos).

Ponto fundamental numa Residência oftalmológica é o treinamento cirúrgico. Convencêmo-nos da utilidade de começá-lo bem cedo, se possível, já no primeiro semestre. Naturalmente será processo gradual até atingirmos cirurgias mais difíceis.

Uma das finalidades principais da Residência está justamente no desenvolvimento da psicomotricidade profissional, no que incluímos desembaraço no manuseio de instrumentos, nas manobras de exame e cirurgias. Isto não é possível atingir nos cursos de graduação e a justificativa maior para a existência do sistema das Residências está naqueles setores médicos exigentes de treinamento psicomotor, o caso da oftalmologia. No compromisso assumido de garantirmos o aprendizado inclui-se a realização de número mínimo de cirurgias consideradas "básicas", isto é, cujo domínio possibilite transferência de habilidades para outros tipos cirúrgicos eventualmente não programados. A quantidade de cirurgias de treinamento varia conforme o ano corrente, em função do número de Residentes admitidos e do fluxo de pacientes. Frizamos, sempre, a importância maior da preocupação pela qualidade na atuação

cirúrgica. Nisso incluímos, não apenas o ato operatório mas, também, o pre e pós-operatório, três fases decisivas nos resultados. Procuramos convencê-los de que a agressão cirúrgica repercute diversamente conforme se cuide bem ou não do antes e depois. Há cirurgias que ajudam a preparação doutros tipos. Exemplificando: na enucleação há manuseio de músculos extra-oculares e a esclerótica pode ser delaminada, portanto, fases habilitantes para futuras operações de estrabismo ou de descolamento da retina. Desde o começo ressaltamos a necessidade de saber explorar essas transferências de habilidades psicomotoras.

Outra preocupação educativa é criar bons hábitos de estudo através de reuniões bibliográficas e apresentação "caprichada" de casos clínicos interessantes. A elaboração correta da documentação relativa a cada doente nas atividades de ambulatório e de enfermaria são outro meio educativo muito destacado. Sabido, o que claramente documentarmos protege paciente e médico. Este é compelido a atuações mais corretas pois deixa o testemunho escrito, tornando seguras as relações médico-paciente.

De 1961 a 1979 o Departamento já especializou 82 médicos com o sistema. Os resultados foram bons baseando-nos, entre outras coisas, no fato de que 10 deles atingiram o professorado em nossa Faculdade e publicaram trabalhos de bom nível. Outros 4 são, também, professores noutras escolas médicas do Estado de S. Paulo. Naturalmente mais numerosos são os que se dedicam à clínica privada. Difícil medir-lhes, precisamente, o valor atual alcançado. Se adotarmos o bom sucesso profissional sob o prisma econômico, tal como em geral se faz, já teríamos aprovação. Mas, felizmente os que conseguimos analisar mais de perto demonstram outras qualidades de competência, preocupam-se com a continuidade educativa. Alguns deles possuem estabelecimentos hospitalares especializados de grande porte em cidades de S. Paulo e no Paraná. A maioria concentrou-se no sul do país, inegavelmente a região brasileira de melhor mercado de trabalho.

Apenas dez de nossos ex-Residentes provieram doutras Faculdades, a maioria fez o curso médico em Ribeirão Preto! Por que isso? Fator determinante desse quase exclusivismo de admissão se deve ao grande número de vocações oftalmológicas em nossa escola e, ultimamente, às pressões do Centro Acadêmico dos estudantes, que não admite preferências a candidatos de fora, atitude compreensível, mas lamentável. Temos exemplos de excelentes Residentes que não cursaram a medicina em Ribeirão Preto. Lastimo não ter conseguido fixar ex-Residentes na docência do Departamento. Alguns porque demorou mui-

to a burocracia da contratação, outros por terem a vida do professorado em tempo integral.

CURSO DE GRADUAÇÃO

A meu ver, mais difícil de realizar, mesmo, são os cursos de graduação, principalmente em especialidades como a oftalmologia. Um dos motivos: as escolas médicas não costumam organizar currículos equilibrados, englobando assuntos que objetivem profissionais definidos e a oftalmologia fica perdida nisso.

Resultado, a deformação educativa, a impossibilidade de alcançarmos profissionais adequados às necessidades sociais. Teimamos em dar mesmo destaque se delas escolhessem ou não. Outros impecilhos são turmas com alunos demais e deficiências de recursos materiais. A metodologia usada no ensino e o inter-relacionamento dos alunos com os professores acabam parecidos àqueles dos cursos secundários: preleções sem conta, falta de diálogo, estudo sem crítica. E há ainda as "apostilas" mal feitas, livros raros ou impróprios e caros. Organizadores de currículos costumam ter seus preceitos, excluem ou "apequenam" as "especialidades" porque nos cursos teimam em considerá-las como tais seriam assuntos para "depois" ou "nunca". Ficaria diferente se delas escolhessem aquilo de interesse global, isto é, ajudando a entender o homem uno com seus interfluenciáveis problemas de doença. Mas, quem pode ainda duvidar da importância do sistema visual na vida humana? Qualquer médico não deve ignorá-lo. Essa impropriedade curricular leva professores ao acomodamento num tipo de curso que, embora enfadonho de certa forma "inútil", permite-lhes "justificar" a função.

Durante esses 20 anos testamos vários modelos de cursos de graduação, cujos estilos ajustávamos às disponibilidades de professores, espaço, instrumental, tempo e número de alunos. Realizamos algumas tentativas de integração com outras disciplinas, nem sempre proveitosas, como esperávamos. Há dificuldades de realizá-las com "neutralidade", sempre presente a mentalidade de província, cujo isolamento ressaltaria o "prestígio" das disciplinas. Porém, enquanto continuar essa atuação disciplinar independente não alcançaremos os tipos de médicos ideais.

Apesar de valiosa, a mais perfeita metodologia de ensino não supera a competência e o interesse dos professores em comunicar coisas objetivas a alunos interessados, condições primordiais.

Merece comentário o entediamento dos professores em ministrar cursos de graduação repetindo assuntos meses e anos. Preferem os cursos de pós-graduação e as atividades de especialização que lhes dão mais liberdade e amplitude temáticas e metodoló-

gicas. Além disso, a pós-graduação parece ter maior conteúdo acadêmico, favorece pesquisas, portanto, dá mais "status" universitário. Por essas razões, um recurso amenizador será variar os modelos de cursos nessa fase de graduação, evitando-se o tédio da monotonia.

Uma vantagem do curso médico em Ribeirão Preto é a sub-divisão, bem fragmentada, das turmas, possibilitando atividades práticas distribuídas por todo ano letivo.

Quanto aos estudantes, apreciam cursos que lhes assegurem contatos com pacientes, motivam-se, julgam-se médicos, como desejam. Convencemo-nos disso com vários modelos testados adotando atividades clínicas. São oportunidades que marcam, pois cheias de problemas reais fixados mais tempo na memória. Destaco a experiência no município de "Cássia dos Coqueiros". Constatou o levantamento das condições oculares daquela população. Os problemas eram solucionados no local ou, quando mais complexos, enviados ao hospital universitário de Ribeirão Preto. Nos exames dos pacientes utilizávamos material simples e barato, acessível a qualquer médico. Instrumentos elaborados se usavam como ilustração, ou se indispensáveis ao esclarecimento dos problemas.

Um modelo parece-nos útil quando eventualmente não se possuam recursos ambientais, ou pacientes, ou as turmas sejam grandes, é explorar a "resolução de problemas". Os alunos tomam conhecimento desses problemas oftálmicos através de recursos áudio-visuais devidamente elaborados. (vide Revista Brasileira de Oftalmologia — 35:473, 1976).

Ambulatórios "especialmente" estruturados para cursos de graduação, fichas dirigidas que orientem o trabalho e permitam avaliar o respectivo aproveitamento no aprendizado, resumos mimeografados dos temas do curso foram outras medidas usadas.

A fim de garantirmos recursos áudio-visuais para as atividades didáticas do Departamento "embarcamos" numa experiência "inovante" (1961). Foi um curso do Departamento de Oftalmologia em cooperação com a "Escola de Artes Plásticas de Ribeirão Preto".

Prendíamos despertar o interesse de alunos de desenho e escultura em áudio-visuais didáticos. Quando de minha primeira viagem aos Estados Unidos visitara a "Escola de Ilustração Médica da Universidade de Johns Hopkins". Tinha, também, vivência áudio-visual porque dirigi o Centro de Estudos do HSE, no Rio. Assim, anunciado o curso, várias alunas daquela Escola (e professores, também) se interessaram. Tiveram uma série de aulas sobre anatomia básica do aparelho visual além da introdução prática em alguns tipos de exame oftalmológico (oftalmoscopia, biomicroscopia). A avaliação do aproveitamento foi através da execução de dese-

nhos anatômicos oculares. Guardamos alguns deles, como evidenciam a variabilidade perceptiva visual dos artistas! Aproveitei uma das alunas, Fúlvia Gonçalves, para executar a coleção de murais que esboçara para o Departamento. No campo da "escultura", destaque o olho gigante (1 m. de diâmetro) com "detalhe microscópicos", lamentavelmente nunca usado no ensino dos alunos de Ribeirão Preto! Compuseram-no Vacarini e Turso, baseados num desenho meu. Foi um esforço que me aborreceu e a obra ficou aquém da expectativa, a moldagem de plásticos engatinhava no país. Mas o resultado obtido de certo modo satisfaz. Surpreendentemente "desapareceu" após sua exposição num Congresso (1963)! Foi inexplicável atitude do Laboratório que nos custeou gastos! Silenciosamente "enraivecido", tentei realizar outro olho, maior e com outro estilo. Já então, havia domínio de técnicas novas, a fabricação de plásticos no Brasil progredira. Mas nosso problema é, mesmo, "olho grande", caiu e se quebrou! Não ousamos tentativa nova, até hoje! Chega de "olho grande"!

Convém, também, referir-me a uma "campanha" que organizei em 1962, no Departamento, por ocasião do "Dia Mundial de Saúde dedicado à Visão", estabelecido pela Organização Mundial da Saúde. Redigi e imprimi um folheto ilustrado com esclarecimentos à população de Ribeirão Preto sobre medidas de prevenção da cegueira. Para garantir bom sucesso, convidei o Departamento de Medicina Preventiva e o Centro Acadêmico Rocha Lima, dos estudantes, para colaborar. Os alunos da Faculdade, motivados, difundiram os folhetos nas escolas e na população. Entusiasmados, chegaram aos jornais e até alguns deles participaram de programas da televisão local!

Na ocasião, uma "loucura": tentativa de fundar um "Banco de Olhos", que "faliu" como quase todos os demais. Entre nós, servem apenas para despertar atenções da população para a importância das doações. Convencemo-nos, no Brasil será preferível educar famílias a aceitarem, com naturalidade e sem alarde, a doação ocular dos parentes que morrem.

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Oficializados os Cursos de Pós-Graduação pelo Governo Federal tratamos de adotá-los em nosso Departamento, após muitos debates. Estes cursos provocaram grande interesse em todos os departamentos da Faculdade de Ribeirão Preto. Em pouco tempo o número de alunos de pós-graduação quase igualava os de graduação e houve temores, pois a sobrecarga imposta às instalações e ao corpo docente pareciam prejudicar a graduação. Há mesmo quem admita que tal ocorreu, mas as doações recebidas de várias entidades governamentais, em decorrência, deram à Fa-

culdade recursos novos que possibilitaram mais pesquisa, portanto, compensação houve. Ribeirão Preto não teve grandes dificuldades para entrar nessa fase pós-graduada, tinha forte tradição na formação de numerosos professores.

Embora o Departamento de Oftalmologia não concordasse inteiramente com o estilo oficial da pós-graduação tratou de adaptar-se às regras. Sabíamos, durante muito tempo essa seria a única maneira de renovar docentes. Após quase três anos de estudos e exigências rigorosas, a Comissão Central de Pós-Graduação da USP autorizou o respectivo Curso da Oftalmologia (1971). Decidimos aceitar anualmente número reduzido de alunos pois tratava-se de curso exigente de nível elevado de ensino. Era a maneira de garantir uma relação mais proveitosa com orientadores.

Impõe-se no curso especial dedicação aos alunos, tarefa extenuante, ainda mais que os professores não ficam desobrigados das demais funções de graduação, especialização, pesquisa e administrativas. Apesar do bom proveito conseguido com a forma vigente, não a julgamos ideal. O assunto é longo demais para discutí-lo aqui. Modelo atraente executou a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto anos atrás. Era um curso destinado a preparar jovens professores clínicos para a pesquisa e ascensão na carreira. Consistia de uma série de estudos aprofundados necessário à boa formação científica. Incluía, também, a execução de várias metodologias científicas. Resultou numa geração de pesquisadores que abrilhantam a Faculdade, com trabalhos e teses originais de muito boa qualidade. Erasmo Romão, então Auxiliar de Ensino da Oftalmologia, foi aluno desse curso.

A Residência completada, ou atividade equivalente eis pré-requisito exigido sempre dos candidatos aos cursos de pós-graduação.

Seria impróprio admitir futuros professores clínicos sem alguma vivência nas respectivas áreas. A finalidade da pós-graduação é precisamente aumentar competências científicas dos professores, isto é, habilitá-los a usar, com propriedade, o método científico. Necessariamente o principal hábito a incutir nos alunos de pós-graduação, será o da pesquisa corretamente planejada.

Grande obstáculo à difusão dos cursos de pós-graduação oftalmológica é a exigência do tempo integral para os alunos. Temos perdido candidatos excelentes pois não concordam adiar atividades profissionais nas quais estão engajados, trocando-as por incertas e magras Bolsas. A oftalmologia ainda é especialidade "rendosa".

Como estruturamos a Pós-Graduação oftalmológica em Ribeirão Preto até aqui? Duas disciplinas são obrigatórias:

- (1) FISIOPATOLOGIA OCULAR (responsável: Prof. Catedrático: Almiro Azeredo).
- (2) BASES CIENTÍFICAS DA TERAPEUTICA OCULAR (responsáveis todos professores credenciados da área oftalmológica).

Além dessas, há disciplinas de concentração, cursadas segundo opções livres dos alunos ou aconselhamento dos orientadores. Nisso influem interesses de pesquisa ou necessidades de créditos.

- (1) CÔRNEA (responsável: Prof. Adjunto José Tanuri Habib)
- (2) HIDRODINÂMICA DOS HUMORES OCULARES (responsável: Prof. Adjunto Argemiro Lauretti Filho e Dra. Maria de Lourdes Veronese Rodrigues).
- (3) ÓTICA FISIOLÓGICA (responsável: Prof. Adjunto Erasmo Romão).
- (4) OCULOMOTRICIDADE (responsável: Prof. Adjunto Harley Edson Amaral Bicas).
- (5) VISÃO BINOCULAR (responsável: Prof. Adjunto Harley Edson Amaral Bicas).
- (6) RETINA (responsáveis: Prof. Catedrático Almiro Azeredo e Prof. Adjunto Erasmo Romão).

Complementando, há disciplinas do "domínio conexo" ministradas em Departamentos Básicos da Faculdade (Microscopia Eletrônica, Farmacologia dos Mediadores, Genética, Neurofisiologia, etc). Atualmente a metodologia preferida no curso são debates entre alunos e professores, baseados em abrangentes levantamentos bibliográficos. São oportunidades para aperfeiçoar as capacidades críticas tanto de alunos como de professores, tão importantes em ciência. Completam as atividades do curso a execução de "modelos experimentais" seguidos de relatórios convenientemente elaborados. Ambas atividades servem para a avaliação do aproveitamento.

Até aqui o curso já graduou 4 Doutores e 1 Mestre, programados mais 6 Doutores e 2 Mestres para o período 1980-1981. Geralmente, o Mestrado serve de introdução ao Doutorado, grau mais recomendável. Contudo, durante algum tempo julgou-se válido adotar o Mestrado, mormente num país tão carente de professores de medicina familiarizados com o método científico. A tendência será extingui-lo com o tempo. Melhor, ainda, seria reformular o estilo da pós-graduação clínica tornando-a mais econômica e objetiva no alcance de suas finalidades. Impunha-se, também, garantir o indispensável "amadurecimento" dos alunos. A pós-graduação produz "professores" e "pesquisadores" muito rapidamente, um perigo formativo, a menos que concordemos gerar uma leva de gente pretenciosa arriscando a eficiência da Universidade. Vinculada a Bolsas, o interesse dos patrocinadores é reduzir tempos de preparação, para evitar mais uma forma de "empre-

guismo", receio muito natural. Uma sugestão seria não bastarem créditos e tese, para obter o grau, haveria uma fase de produtividade durante algum tempo para justificá-lo. Nas áreas clínicas o tempo integral seria uma necessidade apenas em certos períodos, aliviando os gastos das Bolsas.

PESQUISA

A pesquisa é uma das obrigações morais do professor universitário, fonte de exemplos inestimáveis para alunos. Lembra-lhes maneiras de aumentar sabedoria e de conquistar melhoras na vida do homem. Não é privilégio de gênios, poderá até ser infrutífera no final, vale, também, porque educa na simples perseguição de explicações, na procura de soluções. E pesquisa não se faz somente em laboratórios, os professores de clínica precisam se convencer disso. Por exemplo, ainda faltam tantos esclarecimentos importantes de biologia humana dependentes de estudos epidemiológicos, do conhecimento da história natural de doenças que pensamos curar, e assim por diante! E a pesquisa de métodos que garantam o aprendizado profissional? Enfim, são muitos os modos válidos de manifestarmos atividade investigativa com aplicação do método científico!

Nesses 20 anos, o Departamento de Oftalmologia seguiu a mesma receita dos demais departamentos, interessou-se pela investigação, em Ribeirão Preto uma obrigação. Logo no começo, houve a instalação de laboratórios possibilitados pela Fundação Rockefeller. E permitem a realização de pesquisas até hoje! A instituição dos Cursos de Pós-Graduação foram outro estímulo que se juntou à tradição da Faculdade.

Infelizmente nas áreas clínicas há o "sufofo" das atividades assistenciais, de igual nobreza, porque finalidade da profissão médica. E devemos ressaltar, essas atuações dos professores na área assistencial são essenciais, cheias de oportunidades para exemplos de humanismo que ajudam a bem formar alunos, tornando-os profissionais competentes e éticos. Mas essas atividades clínicas, depreciativamente rotuladas de "rotina", aproveitam-se para a pesquisa, é só planejá-las devidamente, outro "segredo" que alguns sabem descobrir.

Preocupação de nosso grupo oftalmológico de Ribeirão Preto sempre foi publicar assuntos "novos", por "pequenos" que fossem. Valem mais, a meu ver, que a quantidade em temas compilativos ou em repetições experimentais alheias. Perseguir a criatividade foi meta incutida e provocada, basta consultar revistas e comprová-lo. Relembro, apenas, alguns assuntos para exemplificar. O José Tanuri Habib estudou experimentalmente aspectos morfológicos e funcionais novos da glândula lacrimal, idealizou um "implan-

te" para enucleações oculares, etc. Argemiro Lauretti Filho e Erasmo Romão estudaram influências do grau de distensibilidade da túnica fibrosa ocular na tonometria, realizaram estudos de hidrodinâmica dos humores oculares valendo-se da "perfusão". Harley Bicas deu aplicação nova à ocolografia, estudou problemas de oculomotricidade em bases matemáticas, etc. Pessoalmente dediquei-me à lágrima humana ainda não abandonada e o cristalino humano cultivado in-vitro é modelo promissor para estudo da catarata senil. Há ainda um trépano de córnea e uma bomba de vítreo e outros dispositivos em nossa história de instrumentos novos. Sem falar nas muitas coisas já feitas e por publicar, ou em andamento, obras dos citados professores e de docentes mais novos ou de alunos de pós-graduação.

Neste momento fica bem a gratidão. Há colegas doutros departamentos que, em ocasiões diferentes, ajudaram membros do grupo. Aponto José Venâncio Leite, Renato Godoy e o "Doutor Honoris Causa" José Brites, muito destacados e constantes. Cito, ainda, Gyorgi Böhm, Vitorio Valeri, Riciardi Cruz, Moura Gonçalves, Roberto Giglio, Ricardo Marseillan, Eduardo Dutra de Oliveira, Uilho Antonio Gomes, Antonio Ruffino Neto, José Romero Teruel, Euclides Custódio Lima Filho, Geraldo Garcia Duarte, Renato Pinto Gonçalves, Jarbas Leite Nogueira, Carlos Diniz, Sylvia Hering, Carlos Júlio Laure, Clóvis Simão, A.C.M. de Camargo, Roberto Salles Meirelles, Affonso Luiz Ferreira, Antônio Haddad José Antunes Rodrigues, José M. T. Veríssimo, Alexandre Corrado. Mas essa gratidão atinge os demais Profesores da Faculdade influenciando, quer pelo exemplo de trabalho, quer por atitudes. Nessa convivência ilustre de 20 anos, tive como me aprimorar e enriquecer cientificamente. Foram críticas, conselhos, sugestões, apoios, ânimo forte, de preço incalculável!

E quantas coisas boas poderíamos dizer de funcionários e técnicos de nossa Escola! Secretárias operosas, datilografando trabalhos de letras indecifráveis adivinhadas depois de esforço anônimo. E que dizer do fabuloso fotógrafo Fantini e seus companheiros com perícia valorizando a documentação de todos nós?

ESTUDANTES

Sempre me senti bem entre estudantes de convivência animadora. Encontrá-los faz-nos pensar ainda jovens. Barulhentos, propensos à contestação, sacodem-nos dos conformismos de que gostamos. Afinal, professor que se preza é aluno eterno, está sempre aprendendo.

Marcaram-me algumas das homenagens que deles recebi, principalmente o "Paranin-

fado de 1966", quando extravasei a alma em palavras que apreciaram.

Porque gosto deles aproveito este momento para saudar os que não vou conhecer. As mesmas palavras dirigidas aos calouros de 1972, quando a Faculdade fazia 20 anos, os "conselhos de um estudante mais velho".

Nada de coisas demoradas apresentemo-nos, logo.

Eu, estudante mais velho, "50",
você, perto dos "20",
a turma que chega,
quando a Escola vai fazer "20".

O estudante mais velho, "50",
já com sonhos de pedra,
recebendo a turma de "20",
cabeças de esperanças delirantes,
cheias de certezas,
somente acreditando em vida.

Salve mais uma chegada,
expectativa de mudanças,
salve a turma "20".

Mas, hoje,
você começa a ficar "50",
sonhos concretos,
lições dos seis anos, vindo,
Medicina,
como construir e destruir um homem!

Primeiro, um monte de ossos,
depois, carne,
depois, sangue a correr na árvore da vida,
movimentos de alavancas,
pensamentos,
emoções.

E virão dores,
que faz o homem miserável,
depois, remédios,
remédios procurados sempre,
para os alívios.

Afinal, inevitável,
desmoronamento,
paralisação do sangue,
decomposição da carne,
monte de ossos,
punhado de pó!

Mas, cuidado!

Talvez vocês se enredem nesse emaranhado
de fios,

nessa torrente de sangue,
no silencioso bombardeio de partículas moleculares!

Talvez vocês se percam nesse homem despeçado,

armação de osso,
redes elétricas que se cruzam,
mistura de cores, sons e odores!
Cuidado!

Aprendam a lição maior,
do homem inteiro,
corpo e alma!

Ele é uno, apesar de labiríntico!
Nessa aparente desconexão, há apenas uni-
dade!

Cuidado!
Jamais percam-no de vista,
nosso homem sofrido,
por quem vocês vieram!
Ajudem-no,
corpo e alma,
meus conselhos de estudante mais velho,
O homem de "50", aos moços de "20".
Bem-vinda turma "20"!

FUTURO

Orgulhoso, deixo no Departamento 4 Professores Adjuntos de Oftalmologia, que acompanhei desde estudantes da Faculdade! Foram, também, meus Residentes, aprimoraram-se anos seguidos. Chegaram a essa função universitária sem favores, submetendo-se a rigorosos concursos de provas e títulos. Doutorado. Docência-Livre, Adjuntato, eis os degraus laboriosos. Emociona-me ver-lhes o progresso e o futuro promissor!

Julgo-os de igual valor, conheço-os na intimidade do trabalho, vi-os crescer. Distinguem-nos temperamentos e estilos de atuação, cada um deles desempenhando seus papéis em áreas diferentes. Daí minha impossibilidade de destaque. Têm qualidades desejáveis para substituir-me no posto, cada qual com peculiaridades que influirão no tipo do futuro Departamento. Mas os objetivos universitários serão conseguidos, sempre, estou seguro.

Há os que se comunicam facilmente, mas aprecio, também, os silenciosos, que sustentam a casa. Seis quanto valem na sobrevivência dos grupos.

Na ordem de chegada: José Tanuri Habib, que teve nas mãos a possibilidade de ser o Professor Titular da Faculdade de Medicina de Campinas, mas preferiu retornar à "casa do pai". Argemiro Lauretti Filho, sereno, esteio, o bem-amado dos Residentes durante anos a fio, criativo nas pesquisas de glaucoma. Erasmo Romão, primeiro aluno quando cursava medicina, polivalente, sabendo de tudo, o maior coração. Harley Bicas, brilhante, dinâmico, torrente de trabalhos originais sobre oculomotricidade, benjamim.

Não sendo rei, é-me impossível fazer sucessor, seria ineducante e sectário, ao grupo cabe resolver, é soberano. Tivemos a boa sorte de pertencer à Faculdade de Ribeirão Preto e precisam honrá-la sempre. Além disso demonstraram coragem escolhendo o tempo integral numa especialidade que dá muitas compensações econômicas lá fora, se houver a competência deles.

Rememoro estes fatos e me alegro, mas tive também minhas frustrações, nem tudo realizei como desejava. Sabedoria ajustarmo-

nos a elas, procurar variantes e tentar superá-las.

Parto saudoso, deixo a Casa, nova, cheia de recursos. Que diferença entre o velho hospital, do começo, e o novo, inaugurado agora! Tudo favorece novo ciclo de realizações, que me não de envaidecer onde estiver.

Lembro que ser chefe não é apenas honorária, mas liderança firme e consentida, compartilhamentos constantes, é servir. Sempre unidos, o pedido que lhes faço ao me despedir.

Merecem, também, incentivo os que daqui saíram após Residências ou Pós-Graduação. Desejo-os sempre muito estudiosos e bem comportados para benefício próprio e do Departamento que os gerou. O "Centro de Estudos Oftalmológicos Cyro de Rezende", aperfeiçoado, será o recurso para mantê-los conjugados nesse esforço educativo de atualização constante.

Lamento não haver levado avante a idéia da "Revista" bilingue pretendida doze anos atrás. Divulgando trabalhos originais, atualizações e atividades do grupo haveria de ajudar outros oftalmologistas do país.

Depois de tantas lembranças preciso destacar o que me marcou nestes 20 anos e tento fazê-lo com meu "RIBEIRÃO PRETO LONGE".

Ribeirão Preto.
olhando-te no mapa,
vou estremecer!

Quanta coisa bonita
naquele ponto!

Escola de Medicina
fincada no verde,
meus alunos,
companheiros de trabalho,
casa branca morada,
dois meninos nascendo,
duas cariocas casando
com paulistas pra ficar,
mulher habitando-te
por me amar,
estrelas incontáveis
das noites de maio,
azuis lavados
dos céus de inverno,
enxurradas em dezembro
endoidando chãos,
terra tingindo-nos
vermelhos de paixão,
teu povo ameno!

Ribeirão Preto,
apontando-te no mapa,
vou estremecer!

Finalmente, deixo de ser ator, desempenhei o papel. Talvez me lembrem como autor, mas atores, agora serão outros. Só espero que me superem, pois sem isso não aprenderam a lição.

Aqui, relembrei o que é público, constável. Mas os lances melhores ficam certamente escondidos. Renúncias, conselhos, estímulos, ajudas, perderiam se deixassem os segredos dos corações.

A ingratidão é terrível, daí a angústia de talvez haver me esquecido de fato importante ou benfeitor decisivo.

E há os que nos ajudam sem percebermos, conheço isso muito bem. Mas, lembrá-los, mesmo deste modo, absolve-me, console-me assim.

Decidi, afinal, considerar encerrada esta missão, profundamente agradecido aos que me apoiaram ou auxiliaram. Possibilitaram-me o título que mais me envaidece, dentre outros papéis. Vinte anos, realmente atuantes, de "Professor Catedrático Vitalício de Oftalmologia na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de S. Paulo, em regime de dedicação exclusiva ao ensino e à pesquisa".

SUMMARY

The paper describes the development of the Department of Ophthalmology of the Ribeirão Preto School of Medicine, University of S. Paulo, Brazil. During 20

years since the foundation in 1959, the Department has a Residency Program, Basic Sciences Course every year, Graduate Program for the education of university teachers of Ophthalmology approved by the State and deep involvement in original research, basic and clinical. Remarkable, it is the only Brazilian Eye Department belonging to a university in which all the staff is full time since 1959.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

1. AZEREDO, A. — Ensino Médico nos Estados Unidos. Bol. Centro Estudos H.S.E., Rio, 13: 9, 1961.
2. AZEREDO, A. — Organização do Departamento de Oftalmologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Rev. Bras. Oftalmologia 22: 5, 1964.
3. AZEREDO, A. — O Ensino da Oftalmologia no Brasil. Evolução e Perspectivas. Bol. Centro Estudos Ivo Correa Meyer, Porto Alegre, 2: 20, 1971.
4. AZEREDO, A. — A Pós Graduação nas Áreas Clínicas. Anais do III Simpósio de Pós Graduação nas Áreas Biomédicas, Ribeirão Preto, 1975 (pág. 17).
5. AZEREDO, A. — Aspectos Atuais do Ensino Médico nos Estados Unidos. Anais IV Conferência Pan Americana de Educação Médica, Rio de Janeiro, 1976 (pág. 746).
6. AZEREDO, A. — O Ensino da Oftalmologia nos Cursos de Medicina. Rev. Bras. Oftalmologia 35: 473, 1976.
7. AZEREDO, A. — Tempo Integral, Base do Ensino Universitário, Medicina, 8: 29, 1977.
8. AZEREDO, A. — Formação do Profissional de Alto Nível. Anais do IV Simpósio de Pós Graduação nas Áreas das Ciências da Saúde, Belo Horizonte, 1978 (pág. 50).